

O poema (não) parou: sincronia literária, antropofagia e formação de leitores literários

The poem did (not) stop: literary synchrony, anthropophagy and the formation of literary readers

José Eduardo Gonçalves dos Santos¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo trazer à baila discussões que unam o fazer crítico literário e as perspectivas metodológicas para o ensino de literatura pautadas na sincronia literária. Por meio da escolha da literatura contemporânea, o artigo ancora foco na leitura crítica do *multiartista* Arnaldo Antunes, por considerarmos sua atuação estética exigente e de consolidação dos postulados modernos. Para contribuir com as propostas de nosso artigo, autores que versam reflexões sobre o ensino de literatura, sobretudo voltado à experiência com o poema, (ALVES, H. 1995; GEBARA, A. 2012), foram utilizados, além de críticos literários que pautam suas atuações na leitura e nas experiências mediadas pela palavra literária (CÂNDIDO, A. 2006; BARTHES, R. 1998), a fim de ponderar as perspectivas críticas aqui apresentadas.

Abstract

This article aims to bring to the fore discussions that combine the literary criticism and the methodological perspectives for the teaching of literature based on the literary synchrony. Through the choice of contemporary literature, the article anchors focus on the critical reading of the multi-artist Arnaldo Antunes, considering his demanding aesthetic performance and the consolidation of modern postulates. In order to contribute to the proposals of our article, were used authors that deal with reflections on the teaching of literature, mainly focused on the experience with the poem, (ALVES, H. 1995; GEBARA, A. 2012), in addition to literary critics who guide their actions in reading and in the experiences mediated by the literary word (CÂNDIDO, A. 2006; BARTHES, R. 1998), in order to ponder the critical perspectives presented here.

Palavras-Chave: Literatura Contemporânea. Leitura. Crítica literária. Formação leitora.

Keywords: Contemporary literature. Reading. Literary criticism. Reading formation.

¹ Graduado em Letras, com habilitação em Licenciatura - Língua Portuguesa e suas Literaturas -, pela Universidade Federal de Pernambuco, mestrando em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição, com pesquisa relacionada à obra recente de Augusto de Campos na interface entre as artes. É membro do Núcleo de Estudos em Literatura e Intersemiose (NELI/UFPE).

1. Por um efeito de início

O presente artigo – que nasce a partir das reflexões estabelecidas no âmbito da pesquisa em Iniciação Científica, intitulada “Da poesia no verso à poesia na canção: ecos intersemióticos na obra de Arnaldo Antunes” –, tem por objetivo contribuir, em linhas críticas e metodológicas, com o Ensino de Literatura pautada na exigência literária, em vias da formação do leitor de literatura. Assim, Felicita-se este texto por (i) sugerir propostas teórico-metodológicas para a formação do leitor de poesia; (ii) promover a leitura de poesia com vista ao alcance estético e ao trabalho formal, observando as especificidades do poema e o trabalho apurado com as palavras; (iii) sugerir caminhos para abordar as competências de ensino de Língua Portuguesa por meio da poesia encontrada em poemas, na produção contemporânea. A partir disso, esperamos que o texto literário alce voos e alcance um lugar definitivo e privilegiado nas aulas, nas escolas e na sociedade, uma vez que elencaremos discussões que pensem o texto literário para além da escola: num contínuo para a vida.

Assim, trazemos, ao centro deste trabalho, a preocupação para uma mudança do quadro que ainda relega o texto literário a um rarefeito lugar nas práticas de ensino dos professores de língua portuguesa; vislumbrando, ainda, um paradigma de literatura que abarque o prazer da leitura literária, promovendo uma formação efetiva e afetiva do leitor de literatura. Com isso, queremos apontar propostas metodológicas que façam da sala de aula o *locus amoenus* da poesia, manifestação transgenérica da catarse, por meio do poema e da literatura contemporânea – em sua interface com a modernidade literária. Logo, almejamos construir um momento que pense o professor enquanto mediador da leitura literária, realizando nos alunos um papel de sensibilização estética, apontando para o caráter social do poema e evidenciando aos leitores *por vir* como que a literatura literária tem o poder de ampliar nossa visão de mundo.

2. Considerações metodológicas sobre o ensino de literatura

No atual contexto em que nos encontramos – com uma sociedade imersa em elementos visuais, com grandes avanços tecnológicos e com algum significativo potencial para a mudança –, paramos e observamos que, apesar de ser muito visual, nossa sociedade é pouco imagética. Tomamos a questão do imagético como sendo algo de trabalho com a

sensibilidade, do toque das artes que, não por muitas vezes – e infelizmente –, falta- nos. Ora, se estamos sufocados por textos – hipertextos – que nos passam uma mensagem, do que podemos reclamar? Reclamamos aqui pelo direito à imagem suscitada pela arte, falando de um lugar muito cômodo que se volta à arte da palavra, a Literatura Literária: o verso poético, a narrativa literária, que constroem imagens que não podem ser desconexa de nossa construção enquanto sujeitos, pois

a literatura corresponde a uma necessidade universal que **deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade**, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. (CANDIDO, 2006, p. 186, grifos nossos).

Nesse caminho, aqui, queremos propor discussões que façam da vivência literária uma prática para além da escola, para a vida, para a sociedade. Aproximando, dessa maneira, nossas discussões de Barthes (1998) para quem deva a Literatura fazer-se presente no contínuo das ações sociais, uma vez que ela tem o caráter formativo, mencionado por Cândido (2006). Nessa conjuntura, propomos o trabalho com a poesia despertando em nossos alunos “uma educação da sensibilidade” (ALVES, 1995, pag. 15). Para tanto, devemos, enquanto professores, preocupar-nos em ter essa sedução pautada na sensibilidade, como a citada por Helder Pinheiro (*Ibidem*), que, em busca do empirismo, constatou que boa parte dos professores de língua e literatura não são leitores: “de fato, não temos professores leitores” (*Idem*), ou seja, não são sensíveis, em sua grande maioria, para o encontro com a poesia, uma vez que essa vem com a constante vivência. Desse modo, ainda que proponhamos uma atividade para além da escola, é inevitável que se passe pela escola a formação do leitor de poesia, devendo ser o professor de Língua Portuguesa o mediador dessa leitura literária. Visto isto, queremos propor aulas com poesia de boa qualidade estética, pensando que vale muito a pena encarar poesia em sala de aula, mas não qualquer poesia: o professor deve ir à busca de ampliar o repertório do seu aluno, de modo que leve poemas e poetas que ele, o aluno, não encontre em suas práticas diárias de letramento.

Para encontrar o (entre)lugar da poesia e poemas em nossas aulas, fazendo-os repercutir nas vidas de nossos alunos, precisamos estar em constante busca do sensível, da sensibilização e do contínuo na nossa própria formação leitora. Afinal, para propor aos meus alunos a leitura disso ou daquilo, preciso eu, antes, tê-los lidos. Ser professor leitor de literatura, só pode trazer bons resultados. Por trabalho de memória, revivo um texto de

Barthes (2004), que traz uma aguçada crítica aos manuais didáticos, no contexto francês – bem verdade – mas que bem se poderia aplicar à atuação didática em livros, no Brasil, por trazer as seguintes indagações:

Ao reler ou ao ler esse manual, que muito se parecia com aqueles que conheci no tempo em que era estudante secundário, fiz a seguinte pergunta para mim mesmo: será que a literatura pode ser para nós algo que uma lembrança de infância? Quer dizer: o que é que continua, o que é que persiste, o que é fala da literatura depois do colégio?

No Brasil, também, os manuais didáticos não parecem colaborar com a formação efetiva de um leitor de literatura, aquele leitor que voltará ao texto literário sem fazer dele uma nostalgia ou uma reminiscência do título citado em dado livro, de dada série (ano) escolar. Naturalmente, para se chegar a uma afirmação com essa, algum olhar mais aprofundado, no sentido de analisar as questões em instrumentações críticas, se faz necessário. Assim, apresento uma entre tantas conclusões que se pode chegar ao analisar Livros Didáticos, no Brasil, num artigo que se volta a observar o trato do texto literário contemporâneo:

ambas as obras didáticas discutem aspectos diversos referentes aos textos para leitura, promovendo discussões que vão desde os aspectos biográficos dos autores, passando pelos aspectos temáticos dos textos, até seus trabalhos formais com a linguagem. Contudo, tendo em vista a formação de um leitor crítico-literário, a recorrência de exploração destes aspectos nas atividades de leitura de ambas as obras didáticas é precária, e outros aspectos, como os intersemióticos, os concernentes a trabalhos em literatura comparada e aqueles voltados para a relação da obra com seu contexto histórico-social, são pouco ou sequer trabalhados. (GONÇALVES, E.; SIMÕES, P. 2014, p. 8)

Justificamos, assim, a acolhida da discussão que ora realizamos, bem como a escolha do texto literário contemporâneo para ser o lugar de um olhar crítico que, em consonância com críticos inspirados e atentos à formação do leitor de literatura, terá em foco – igualmente – o estabelecimento de um lugar de provocação ao leitor literário com vistas à eleição da leitura como experiência.

3. Experienciando estéticas contemporâneas: no caminho da formação do leitor de poesia

Formar leitor de poesia precisa ter uma ligação direta com formar leitor da boa poesia, como nos diz Helder Pinheiro (1995), para quem precisamos estar atentos ao que ofertamos

aos nossos alunos. Como ofertar aos nossos alunos uma estética que ainda nos é contemporânea em produção, se pouca coisa dela se sabe? Mais uma vez, destacamos a importância de sermos leitores críticos-reflexivos para sabermos bem valorar o que hoje se produz. Afinal, em nenhum outro momento da história, tanta literatura foi publicada. Assim, cabe a nós, professores críticos-literários, saber separar o joio do trigo. Destacamos, então, o *multiartista* Arnaldo Antunes, ainda pouco lido nas salas de aula, por ser – ainda – pouco estudados na academia, talvez, para lançar olhar sobre uma de suas obras, a fim de guiar possibilidades de atuação literária para as aulas de Língua e Literatura, ampliando a possibilidade das relações possíveis. Em sua obra, Antunes, traz *o outro* como o lugar da intraduzível intrusão entre o *eu*. Para ele, *Eutro* é ser *eu* e aceitar o lugar do *outro* em minha constituição. Antropofagia, sincronia e ligações atemporais. O que agora apresentamos é uma provocação exitosa do contemporâneo em linhas militantes e acertadamente concretas. As obras de Arnaldo Antunes são um convite ao flunar. Se considerarmos que o sugestivo, o não dito – a elipse – sejam estratégias criativas de elaboração considerável e com algum grau superior de complexidade, diríamos que o poema parado, em Arnaldo Antunes, se move em seus leitores empíricos no intento de construir possibilidades outras de leitura, extrapolando a materialidade textual. Ele que chegou mesmo a ser taxado de pós-concreto – ainda que esse mo(vi)mento tenha acontecido de modo efêmero (CAMPOS, H. 1996) – mantendo uma coerente leitura da proposta de Augusto de Campos, sobretudo, com uma abertura estética em três áreas: a verbal, com o poema; o visual, com a extrapolação da palavra e a criação de poemas visuais; o vocal, com a abertura sonora e tudo o que ela suscita, chegando mesmo ao campo consciente da performance como proposta estética. Em liames literários, o modo estético de Antunes é antropófago a uma produção estético-política, o que poderia justificar a produção de algumas de suas obras.

Contextualizando a discussão da valorização da metalinguagem para a formação leitora – em produção contemporânea –, iremos apresentar um pouco da obra mencionada em sua totalidade, ora realizando apenas uma introdução, ora trazendo um olhar crítico fruto de encontros leitores. Para início, trazemos à baila *n.d.a* (ANTUNES, 2010), uma obra que faz o diálogo entre o verbal, o visual e o poema enquanto objeto. *n.d.a*, o Nada DNA, apresenta ao leitor longos poemas, no que concerne ao trabalho mais voltado com a palavra, poemas que podem ser lidos em um diálogo com a prosa, tendo sempre a poesia como manifestação de alcance. Essa poesia quase prosa nos é apresentada como sendo a grande novidade desse

trabalho de Antunes, uma vez que ainda em *n.d.a* temos a exploração do poema-objeto, tão trabalhado em outros livros do poeta, até mesmo em diálogo com outras expressões artísticas (como *Et Eu Tu* [Antunes, 2003], em que as fotografias de Marcia Xavier são partícipes da exploração poética, realizando o próprio poema, e pondo em convergências a palavra e a imagem). Ainda no âmbito do livro, temos uma sessão com postais — reunião de fotos, de placas e escritos urbanos — sendo deslocados de seu contexto de produção, adquirindo poeticidade, dando margem à leitura de outra complexidade. Tal trabalho mostra que o poeta, preocupado com a inovação artística, está em diálogo com os diferentes modos de dizer contemporâneos.

O poema para e a palavra segue. Melhor: o poema para e a poesia *ad infinitum*. No intento, quem sabe, de explicar o conceito de sua obra mais experimental, *n.d.a*, Arnaldo Antunes põe à baila o poema *n.d.a*, como alternativa alguma que o atrai. A saída, é o que interessa, é o que desperta. A contundente vontade do novo, do nada, parece ainda incomodar aquele que se volta para a arte em sua ampla possibilidade. Ao se ler o poema título, percebe-se a angústia pelo mudar: *nenhuma das alternativas/ me seduz*, pelo livrar-se *nenhuma das alternativas/ me atrai*. O eu (a)lírico clama pelo alívio, com a sutileza de imagens cotidianas e de complexidade filosófica considerável. Ainda que não seja tratado filosófico, a arte carrega em si alguma racionalidade tomada por empréstimo de campos e preceitos filosóficos, de conceitos e vanguardas refletidas, da transgressão concisa, agora, tipicamente artística (Op. cit. CICERO, 2012). De fato, o que determina como artefato artístico, para além do entorno de produção que o legitima, é o trabalho dedicado ao artefato: nisto o supracitado artista parece concordar, uma vez que, ao se valer das técnicas de deslocamento do objeto — consoante Duchamp, em seu *ready made* — temos a arte em instalação *360°*, com a figura de uma porta posta em vários ângulos, completando a visão “global”, sendo signo que põe em diferentes óticas o objeto observado, dando a impressão do encontro em comum dos diferentes olhares acerca da construção perceptiva do que está posto. Assim, quando, antes, o ponto de vista — e somente ele — construía o objeto, agora, o objeto cria e amplia o ponto de vista, em uma arte sincronia e às linhas da reprodutibilidade. Por assim dizer, ainda cabe — em contextos brasileiros — uma arte contestação, de caráter político e com algum apelo de transgressão, algo que se ligue — em vias sincrônicas, antropofágicas, — ao mo(vi)mento da poesia concreta que amplia e leva a sinestesia ao lócus da palavra, da imagem e da voz, em máximas verbivocovisual. Antunes parece fazer isso com precisão e racionalidade, tendo a

arte em vias de alcance, ainda que em deslocamentos racionais, trazendo para o artefato a essência única que habita da esfera do estranhamento (BENJAMIM, 1955), do deslocamento do *eu* ao *eutro*.

O empenho visual *ponto e vírgula* é outra proposta experimental do poeta, em linhas múltiplas, seguido de um poema – em linha reta – que acaba por se ligar à imagem, com o ímpeto de explicação, ou atendendo aos anseios dos leitores empíricos mediante o choque: o ovo vira suporte para a transcrição artística com o uso de símbolos gráficos. A imagem, seguida o poema *galinha, ovo*, acaba por ampliar a reflexão sobre o espaço do fazer artístico-poético, uma vez que quebra em *vírgulas e pontos* isolados a progressão do poema, ampliando também o modo de leitura em *uma só/ curva* temos a *galinha/corvo*. Ora, se não fora em consonância com Décio Pignatari (1975, p.9), que aponta

todo poema autêntico uma é aventura – uma aventura planejada. Um poema não quer dizer nem isto nem aquilo, mas diz-se a si próprio, é idêntico a si e a semelhança do autor, no sentido do mito conhecido dos mortais que foram amados por deusas imortais e por isso sacrificados.

não teríamos instrumentos para analisar a obra de Antunes. Em complexas subjetividades recairíamos tantas e quantas vezes fossem necessárias, uma vez que o poema é difícil e o “salva-se quem puder” seria o impasse para a crítica analítica de cada verso (no seu inverso), conduzindo leitores em diversas vias. Ainda assim, isso acontece, tendo em vista a beleza estética da morada artística, sabendo que o flunar em arte é necessário a quem se pretende chegar a concepção imaginativa e interlocutora.

Nessa conjuntura, apresentamos o

dente e comida

beijo e gengiva

riso e cigarro

garganta e água

batom e língua

ar e saliva

palavra

como sendo um poema que apresenta a capacidade simbólica da palavra em seus campos de relação semântica, uma vez aproxima semas que se relacionam, mas não se sobrepõem complementando o ideal da proposta poética que cunha desde o surgimento da *Paulicéia desvairada*, apresentada por meio do *Prefácio interessantíssimo*, pondo o exagero conciso como lugar da poesia e do fazer poético. A palavra é o divisor entre as imagens e a possibilidade de sua concretude, é o que aproxima a *língua do batom* e a *saliva da garganta*, bem como do *ar*. O exemplo pintado acima evidencia, ainda que de modo subjetivo, uma possibilidade de leitura linear, diferente de outras proposições de Antunes que se torna aberto e pede a participação do leitor na colocação da palavra ao seu modo. Proposital e densa, a proposta estética até agora estudada evidencia a tese da sincronia, da antropofagia e da transcrição: o mo(vi)mento concreto se une à modernidade inicial e consciente brasileira, a reler e é relida pelos poetas de gerações posteriores, na qual se põe Arnaldo Antunes, como um poeta que busca uma ligação com a tradição por meio de um trabalho apurado e cuidadoso, denso e imaginativo. Por assim dizer, observamos na parte *n.d.a* do livro analisa uma relação entre artes e ligada por um elemento que vai além da palavra, a poesia como sendo o elo de coesão entre as diferentes propostas.

Ao procurar definir o contemporâneo, Agabem (2009), retoma Barthes para mencionar a qualidade não intempestiva do contemporâneo, mencionando que o contemporâneo não vem ligado à melancolia de tempos que remotos e a vontade de voltar a um dado mo(vi)mento. A *discronia*, expressão utilizada semelhante à sincronia, é tomada como possibilidade do contemporâneo em reler o tempo outro, de habitar esse tempo e de contemporanizar as proposições positivas de uma dada época. Ou seja, contemporâneo não é aquele que vive em outro tempo, mas aquele que se liga a tempos outros por um processo de releitura e de tomada complexa de vias remotas:

a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é *a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGABEM, G. 2009, p. 59, *grifos do autor*).

Via de regra, tomamos a produção de Arnaldo Antunes como um artefato contemporâneo e de criatividade fruto de um distanciamento e de uma ligação com momentos outros. Desde sua escolha por dialogar entre algumas produções artísticas, tendo um projeto gráfico pensado para cada obra lançada, ele se insere num grupo seletivo de artistas brasileiros que vão além da produção e da reprodução, tomando mesmo o elemento *arte* e *entreartes* em suas propostas. Vejamos o que ele diz – perguntado sobre a relação literatura–música em sua produção:

São territórios que têm essa intersecção comum que é a palavra. Existe um trânsito e essas atividades estão sempre em diálogo. Quando vou fazer uma canção já faço para ser cantada, ou um poema para ser lido, mas existem exceções. Esse trânsito entre linguagens é cada vez mais fluente para todo mundo porque hoje, com computador, você tem música, palavra, imagem, tudo junto. Tem muita coisa que publiquei como poema e anos mais tarde fui musicar. Ou o contrário. Esse movimento é comum. (ANTUNES, 2010, in – Correio Braziliense: *Arnaldo Antunes lança novo livro de poesia*).

Essa interface é percebida mesmo em sua proposta de relacionar a fotografia com o poema em *como se*, espaço em que dois pares de pés são apresentados em relação com o poema que se constrói em quebra de versos e palavras entrecortadas, proposta concreta que alia o atual ao contemporâneo, uma vez que é preciso realizar uma distinção entre uma expressão e outra: tomando como atual aquilo que nos afeta em ligações atemporais extremas e extensas, como um poema de Fernando Pessoa, e contemporâneo aquilo que divide o mesmo espaço que o nosso, mas ainda não afetou – em grandes proporções – ao público especializado, legitimador daquilo que se chegará aos espaços extra acadêmicos. Assim, é preciso que se lance um olhar à produção do supramencionado artista, bem como de outros que precisam serem analiticamente olhados e percebidos como chaves de uma proposta estética sincrônica e contestadora, relendo o passado a fim de melhor compreender o hoje, o agora *como se fosse* um momento a ser explorado sem nostalgias e/ou olhares de sintomas de falácias.

Assim, é preciso observar a produção contemporânea como sendo o lugar da atuação crítica e de continuidade de busca antropofágica da literatura em sua consolidação moderna. Em linhas diacrônicas, aconteceria de se trabalhar os movimentos literários de modo isolado, sem a percepção da relação, o que se faz possível com a perspectiva sincrônica, isolando os autores em escolas. Isso não é a *educação literária*, supracitada, isso é o ensino da historiografia, importante no sentido de relacionar à obra ao seu momento, mas datada no que

diz respeito ao isolamento literário. O grande ganho do poeta apresentado, além de toda a continuidade exigente e crítica, é o retorno à relação *entre-artes*, iniciada com os poetas concretos, numa relação do fazer literário com as outras linguagens, o que aguça o gosto do aluno e a possibilidade de uma recepção mais efetiva: afetiva.

4. Palavras finais (sem fim)

O livro bom é claro e necessário a vós, a mim, ao camponês e ao operário^{2*}. Encerrar qualquer ciclo dá-nos certa angustia, ainda mais quando se trata de um ciclo como este, em que o objetivo foi realizar o encontro, lá na esquina do verso, entre o leitor e a poesia. Logo, não queremos nós com este texto encerrar nada. Queremos ir além de agora. Queremos que a poesia, que se fez presente aqui, possa emergir em outros espaços, para outros leitores. Poesia é libertação, e não podemos aceitar ter como desculpa que nosso aluno (nosso leitor por vir, de modo geral) não compreenderá o que é dito, por conta da complexidade da forma. Literatura é entropia, de modo que na desorganização tudo ocorre, sem a literatura não passaríamos. Tecido vivo, apurado, rítmico e imagético, a poesia é o lugar do encontro do ser consigo mesmo.

Nossa defesa pela literatura e pelo poema em sala de aula vem, exatamente, por termos noção do poder da palavra literária em formar a concepção de cidadania, uma vez que essa eleva ao seu leitor a possibilidade de reflexão social e de problematização das *realidades*, por meio daquelas pintadas nas obras literárias. A escolha pelos poemas se dá, nesse caminho, com o objetivo de educar, do ponto de vista da sensibilidade, nossos alunos na ampliação do gosto e da valorização da forma. Sim, consideramos superada a dicotomia *forma X conteúdo*, de modo que as postulações temáticas podem ampliar as discussões cotidianas, além de evidenciar o lugar transdisciplinar da Literatura. Nossa escolha pelos *metapoemas*, neste atrigo, deu-se por reconhecer que as ações de defesa e de elogio vêm após a percepção de que – em sua riqueza temática – a literatura também se volta para si, numa atuação de imagem bumerangue, que – se bem mediada – traz consigo ele: o leitor que queremos formar.

*Versos do poema *Incompreensíveis para as massas*, Vladimir Maiakovski, poeta russo e revolucionário, que queria levar a complexidade do poema a todas as camadas sociais, acreditando que poesia é para todos.

Referências

- ALVES, J. Helder. Pinheiro. **Poesia na sala de aula**. 1ª. ed. João Pessoa: Idéia, 1995.
- AGAMBEM, G. **O que é contemporâneo?**. Argos: Santa Catarina, 2009.
- ANTUNES, Arnaldo. **Sobre a origem da poesia**. Disponível em: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_textos_list.php?page=1&id=73>. Acessado em: 15 fev de 2014.
- _____. **n.d.a**. Iluminuras: 1ª ed. São Paulo, 2010.
- _____; XAVIER, Marcia. **ET Eu Tu**. Cosac Naify: 1ª ed. São Paulo, 2003.
- BARTHES, Roland. **O rumor da Língua**. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRASILLENZE, Correio. **Arnaldo Antunes lança novo livro de poesias**. Brasília, 07 de maio 2010 – 09hrs02mins. Disponível em: <http://www.fmp.com.br/Biblio/MANUAL%20Para%20Elabora%C3%A7%C3%A3o%20de%20Trabalhos%20Acad%C3%AAmicos.pdf>. Acesso em 15 fev 2014.
- CAMPOS,A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. **Teoria da poesia concreta – textos e manifestos 1950-1960**. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed.São Paulo: Contexto, 2007.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola – leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- KLEIMAN, Angela. **Os Significados do Letramento. Novas Perspectivas sobre a Prática Social da Escrita**. 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **O ensino de literatura**. In: Encontro regional da ABRALIC. (11) NITRINI, Sandra Et al. (Org.). **Literatura, artes e saberes**, 2007. São Paulo: BROTHSCHIED, Aderaldo, Anais, 2008.
- PESSOA, Fernando. **O Livro do Desassossego**. 3. ed. 2. reim. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.